

Introdução

Epicuro nasceu no início do ano 341 a. C. na ilha de Samos,^a onde o seu pai, Néocles, residia na qualidade de colono ateniense. Néocles era também mestre-escola e não é improvável que tenha dado ao seu filho os primeiros rudimentos do saber. Sua mãe, Queréstrate, era curandeira, exercendo a magia para adivinhar o futuro e visitando as casas dos pobres para conjurar feitiços e curar doenças. O filho acompanhava-a sempre, ajudando na recitação das fórmulas propiciatórias, facto que lhe terá proporcionado a oportunidade de conhecer de perto as superstições populares.

Em 327, com a idade de catorze anos, Epicuro foi enviado para Teo,^b para aí seguir as lições de Nausífanos, discípulo de Demócrito.^c Aí permaneceu até 323, seguindo depois para Atenas, a fim de cumprir as suas obrigações militares. Concluídas estas em 322, Epicuro reúne-se novamente à sua família que, entretanto, se tinha mudado para Cólofon,^d e, uma vez ali, decide definitivamente continuar os seus estudos de filosofia.

Pouco se conhece da sua vida entre 322 e 310. Sabe-se que, fora de Cólofon, viveu em Mitilene,^e depois em Lâmpsaco,^f indo, por fim, em 306, instalar-se em Atenas com um grupo de

(a) Ilha grega no leste do mar Egeu.

(b) Na antiga costa jónica, na Ásia Menor.

(c) Segundo outros testemunhos, o primeiro mestre de Epicuro terá sido o platónico Pânfilo.

(d) Cidade grega na costa jónica, perto da ilha de Samos.

(e) Cidade localizada na ilha grega de Lesbos.

(f) Cidade situada na Mísia, região da Ásia Menor.

discípulos e amigos: Hermarco, de Mitilene, Metrodoro, Polieno, Leonte, Colotes e Idomeneu, cidadãos de Lâmpsaco. Aí fundou uma escola e aí permaneceu até à sua morte, que teve lugar em 270, tendo viajado apenas duas ou três vezes até à Jónia para visitar outros grupos de discípulos.

A escola de Epicuro restringia-se à sua casa e ao famoso Jardim, um horto que comprara por oitenta minas^a, situado no caminho do Dipilon, às portas de Atenas.^b Era aí que se entretinha na companhia dos seus discípulos, que tratava como amigos, ensinando-os enquanto se passeava e trabalhava, encontrando nesta privacidade uma consolação para uma cruel doença que, segundo parece, o manteve paralisado durante vários anos.

A vida na escola era simples e frugal. «Satisfaziam-se com uma taça de vinho mas, em geral, bebiam água», relata Díocles de Magnésia no livro III do seu *Repertório cursivo*^c. O cultivo de verduras realizado pelos discípulos permitiu-lhes, inclusivamente, prestar ajuda aos Atenienses por ocasião do cerco a que foram submetidos por Demétrio Poliorcetes.^d

É talvez no carácter reservado que a vida dos epicuristas tinha para os não iniciados, juntamente com a falta de informação acerca do que eles entendiam por «prazer», que devemos encontrar a base das calúnias que lhes são atribuídas pelos seus detractores.

A admissão de mulheres e de escravos provocou rumores escandalosos de que o Jardim era um local de orgias e de festas contínuas, rumores presumivelmente sustentados pela inscrição que se lia à entrada: «Visitante, terás aqui uma agradável estadia, pois aqui o bem supremo é o prazer!»^e A comunidade que

(a) Mina: moeda equivalente a 100 dracmas (o dracma, moeda em prata, era a unidade monetária de então).

(b) Dipilon: nome de uma das principais portas de Atenas.

(c) Citado por D.L. em X, 11.

(d) Em 294 Demétrio Poliorcetes, filho de Antígono I Monoftalmo (um dos antigos generais de Alexandre Magno), toma Atenas e logo depois a Macedónia, sendo proclamado rei.

(e) Séneca, *Cartas a Lucílio*, XXI, 10.

aspirava usufruir deste bem observava, porém, costumes que teriam surpreendido os seus caluniadores. A sua existência regulava-se segundo o princípio expresso na *Sentença Vaticana* 21: «Não se deve forçar a natureza, mas persuadi-la. Ora, persuadi-la-emos satisfazendo os desejos necessários, os naturais que não sejam prejudiciais e repelindo duramente os nocivos.» Do mesmo modo, o sentimento que ligava os seus membros na busca do prazer era a *philia*, a amizade.

O *Testamento* de Epicuro, que nos foi conservado por Diógenes Laércio, mostra-no-lo preocupado, antes de mais, em manter esta sociedade de que ele era a alma: os seus executores testamentários têm por incumbência conservar o Jardim para Hermarco e todos os que lhe hão-de suceder na direcção da escola; a Hermarco e aos filósofos da sociedade lega a casa que devem habitar em comum; prescreve cerimónias comemorativas anuais em sua honra e em honra dos seus discípulos já desaparecidos, Metrodoro e Polieno; provê o futuro da filha de Metrodoro e recomenda, em geral, que se cuide das necessidades de todos os seus discípulos.

O Jardim não era um centro de investigação à semelhança do que tinham sido as escolas de Platão ou de Aristóteles, mas uma comunidade doutrinariamente concentrada. Esta comunidade tinha como princípio abster-se de qualquer envolvimento nos assuntos públicos. Em simultâneo com o seu afastamento cívico prevalecia a rejeição da educação convencional, baseada em estudos como a poesia ou a retórica. Epicuro excluiu também as ciências matemáticas. As únicas disciplinas bem acolhidas foram aquelas capazes de curar o mal-estar do homem, e estas estavam todas contidas na sua filosofia: uma *moral*, que tinha por fim estabelecer as condições da ataraxia e da felicidade, à qual se subordinavam, por sua vez, uma teoria do conhecimento, ou *canónica*, destinada a colocar-nos ao abrigo do erro, e uma *física*, cujo fim consistia em fornecer-nos uma visão geral do Universo capaz de banir toda a causa de temor e de perturbação. Todos os escritos de Epicuro se ajustavam, directa ou indirectamente, a este fim terapêutico.

A quase totalidade dos trezentos rolos saídos do seu pincel está hoje perdida. Possuímos apenas um pequeno número de documentos conservados por Diógenes Laércio: a *Carta a Heródoto*, a *Carta a Pítocles*, a *Carta a Meneceu*, juntamente com as quarenta *Máximas Capitais*. As *Cartas*, em particular, são de grande valor, visto que contêm uma visão de conjunto das concepções de Epicuro respeitantes aos princípios gerais da Natureza, aos fenómenos celestes e à conduta moral. A autenticidade da primeira e da terceira não é posta em dúvida por nenhum dos críticos competentes. No que respeita à segunda, consideram alguns que ela não procede directamente de Epicuro, sendo obra de um compilador que teria retirado o seu conteúdo do tratado do filósofo *Acerca da Natureza*.^a Quanto às quarenta *Máximas*, destinadas a serem aprendidas de cor por todos os que quisessem viver de acordo com o ideal concebido por Epicuro, admite-se que este não as tenha composto expressamente. É muito provável que tenham sido extraídas das suas obras por um dos seus discípulos, durante a própria vida do mestre ou imediatamente após a sua morte.

A estes escritos vêm acrescentar-se as oitenta e uma *Sentenças* descobertas em 1888 por Karl Wotke num manuscrito da biblioteca do Vaticano e por ele publicadas em *Wiener Studien*.^b Segundo Usener, que lhes consagrou um estudo substancial,^c terão sido extraídas da correspondência entre Epicuro e os seus amigos Metrodoro, Polieno e Hermarco. Algumas delas figuram já na colecção de *Máximas* conservada por Diógenes Laércio.^d

(a) A obra-mestra de Epicuro, em trinta e sete livros.

(b) Tomo X (1888), fascículo 2, p. 191 e ss.

(c) Ver *ibidem*, p. 175 e ss.

(d) São estas três *Cartas* e estas duas colecções de máximas que, juntamente com o seu *Testamento*, reunimos nesta edição.

Foram descobertos, mais recentemente, outros fragmentos de obras de Epicuro nos papiros da *villa* de Herculano,^a designadamente de nove dos trinta e sete livros que compõem o seu grande tratado *Acerca da Natureza*: fragmentos dos livros II, XI, XIV, XV, XXVIII e de quatro outros livros não identificados.

Apesar da perda quase completa das suas obras, a doutrina epicurista pôde ser recuperada nos seus esquemas gerais graças à existência de outras fontes, provenientes de autores gregos e latinos.

Os textos de Filodemo de Gádaros, escritor epicurista, cujos livros carbonizados foram igualmente encontrados em Herculano, reproduzem fielmente vários fragmentos de Epicuro. A inscrição de Diógenes de Enoanda, em Lícia, na Ásia Menor, reúne extractos da doutrina, juntamente com algumas máximas e cartas de Epicuro, incluindo uma carta a sua mãe. Os escritos polémicos de Plutarco de Queroneia contra Epicuro e Colotes esclarecem-nos também sobre alguns pormenores, o mesmo sucedendo com várias passagens de Sexto Empírico.

Entre os escritores latinos, o *Da natureza das coisas*, de Lucrécio, oferece uma exposição muito ampla da filosofia epicurista. Os escritos filosóficos de Cícero, sobretudo os tratados *Da natureza dos deuses*, *Dos fins últimos dos bens e dos males* e *Tusculanas*, contêm também importantes resumos. Encontramos, por fim, outras passagens nas *Cartas a Lucílio*, de Séneca.

«Que ninguém, por ser jovem, tarde em filosofar nem, por ser velho, se canse da filosofia. Porque nunca se é nem demasiado jovem nem demasiado velho para alcançar a saúde da alma. O que diz que a hora de filosofar ainda não chegou, ou que já passou, é semelhante ao que diz que a hora de ser feliz ainda não chegou, ou que esta hora já findou». Assim inicia Epicuro a sua *Carta a Meneceu*. Esta exortação à filosofia na sua actividade terapêutica e libertadora é retomada inúmeras

(a) Antiga *villa* romana no sul de Itália, sepultada pela erupção do Vesúvio em 79 d.C.

vezes pelo autor: «Não se deve fingir que se filosofa, mas filosofar realmente, pois não é de aparentar que estamos sãos que necessitamos, mas sim de estar sãos de verdade.»^a Ou ainda: «É vazio o discurso do filósofo, se não cura nenhuma afecção humana».^b Diagnosticar as causas que impedem o acesso do homem à felicidade, fornecendo, em contrapartida, um corpo sóbrio de doutrina capaz de libertar o indivíduo dos erros da ignorância e dos falsos temores da superstição, eis, resumidamente, o projecto filosófico de Epicuro.^c

Os obstáculos à felicidade residem, acima de tudo, nas opiniões vazias que perturbam e como que envenenam a alma, as quais não têm nenhuma correspondência com a verdadeira natureza das coisas: são as falsas opiniões sobre os deuses, sobre a fatalidade e a morte, os falsos juízos sobre o prazer e a dor.

Todas as noções relativas aos deuses, alimentadas pela superstição popular, são produto da ignorância de causas puramente físicas que operam no Universo e na mente humana. Fenómenos atmosféricos aterradores, como tempestades, relâmpagos, trovoadas, tomados frequentemente como presságios divinos, associados à impotência do homem diante das catástrofes naturais, geraram nele a crença em forças superiores, diante das quais se inclinou, confiando-lhes um poder arbitrário no governo do mundo.

Observando, por outro lado, o retorno periódico das estações do ano em conjunção com o movimento regular dos cor-

(a) *Sentenças Vaticanas*, 54.

(b) *US.*, 221.

(c) Cf. *Máximas Capitais*, XII: «Não é possível dissolver o temor diante das questões capitais se não se conhecer a natureza do Universo, conjecturando tudo através dos mitos.» *Carta a Heródoto*, 78: «Temos de ter presente que o trabalho da ciência da Natureza consiste em determinar com precisão a causa relativa aos fenómenos principais e que a felicidade reside nisto mesmo, em contemplar a natureza dos fenómenos celestes e de tudo o que com eles se relaciona, com vista à exactidão que conduz a este fim.»

pos celestes, colocou nos céus o domicílio dos deuses, deificou os astros, atribuindo-lhes uma alma e poderes inteligentes.

Simulacros de figuras humanas vistos em sonhos foram confundidos com seres divinos dotados de existência real. A estes o homem atribuiu vida e sentimentos, pois parecia-lhe que se movimentavam e que proferiam palavras sublimes em conformidade com a sua beleza e força resplandecentes, assim se explicando a origem da concepção antropomórfica dos deuses.^a

É um contra-senso pensar-se igualmente que o mundo foi disposto providencialmente para o género humano, quando a própria Natureza põe tantas vezes em risco a vida e o trabalho do homem e o lança no mundo mais indefeso do que qualquer outro animal. Os deuses, na verdade, ainda que existam, são completamente alheios ao mundo e à criação.^b

Às anteriores noções de carácter mítico-religioso sobre o governo do Universo Epicuro opõe uma explicação exclusiva-

(a) «Como se propagou entre as nações a crença nos deuses? Que causas levaram a que as cidades se enchessem de altares e a que se instituissem as cerimónias solenes, cuja magnificência ainda hoje é ostentada nas grandes comemorações e em lugares famosos?» Cf. Lucr. V, 1161-1240; VI, 50-67; Sexto Empírico, *Contra os Físicos*, I, 24-26.

(b) Lucrécio desenvolve os argumentos contra a providência em V, 146-230. Não é objectivo desta breve introdução discutir a natureza dos deuses em Epicuro. É possível, no entanto, enunciar a sua tese geral. As duas características essenciais dos deuses são a eternidade e a bem-aventurança. Os deuses habitam o espaço entre os mundos onde, não perturbados por nenhuma agitação, gozam da mais serena paz. São completamente alheios ao mundo e aos assuntos humanos, pois de outro modo, a sua felicidade seria perturbada pelas mais desoladoras ocupações. Só deuses desta natureza são perfeitamente livres e puros e só eles merecem ser adorados em virtude da sua perfeição. Cf. *Máximas Capitais*, I; *Carta a Heródoto*, 77; *Carta a Pítocles*, 97. Ao afirmar a crença nos deuses, mas negando a providência, isto é, a sua intervenção num mundo que se rege por leis puramente mecânicas, a posição de Epicuro pode, em certa medida, qualificar-se como defista, opondo-se, por exemplo, ao panteísmo estóico, que vê o Universo inteiramente penetrado por uma alma divina que o sustenta.

mente naturalista, tomada do atomismo mecanicista de Demócrito. No que respeita aos fenómenos celestes, afirma, eles acontecem sem a assistência ou o comando de qualquer ser que pudesse assimilar-se a um deus, do mesmo modo que não deve pensar-se que os astros, que não passam de «esféricas massas de fogo», sejam divinos e possam assumir os seus movimentos de acordo com a sua vontade. A sua revolução periódica, tal como toda a necessidade reinante no Universo, deve-se unicamente à intercepção original dos átomos e ao modo como se juntaram os diversos agregados, aquando do nascimento do mundo^a

Outro tema de meditação destinado a desvanecer um dos medos básicos do homem consiste em afastar da ideia de morte qualquer imagem ameaçadora. Segundo Epicuro, a serenidade que tanto desejamos chegar-nos-á através da clarificação do significado real da morte com a ajuda da filosofia.^b

Resta determinar em que consiste o sumo bem e qual a maneira de o obter. Preocupado em encontrar uma explicação natural para a conduta humana, Epicuro constata que os prazeres e as dores experimentados pelos nossos sentidos indicam o que é próprio e o que não é próprio da natureza do homem e que a nossa vida é sempre, de algum modo, pautada por aqueles dois critérios, que nos servem de guia no confronto com a realidade. Consequente com isto, afirma que o bem consiste em buscar o prazer e em fugir da dor.^c A formulação do seu princípio ético fundamenta-se, portanto, na experiência e não perse-

(a) Cf. *Carta a Heródoto*, 77.

(b) «Habitua-te a pensar que a morte nada é para nós. Pois todo o bem e todo o mal residem na sensação e a morte é [precisamente] a privação da sensação. O correcto entendimento de que a morte nada é em relação a nós permite, por isso, tirar partido da mortalidade da vida, não por lhe acrescentar uma duração infinita, mas por suprimir o desejo de imortalidade.» Tema desenvolvido na *Carta a Meneceu*, 124-126.

(c) «O argumento de que se serve para demonstrar que o prazer é o fim é o de que os seres vivos, logo que nascem, regozijam-se naturalmente com o prazer e enfurecem-se com a dor». D.L. X, 137.

que fins transcendentais. Apesar disso, é necessário observar sumariamente o que Epicuro entende por «prazer».

Epicuro não foi o primeiro filósofo grego cuja ética pode ser apelidada de hedonista. Aristipo de Cirene precedeu-o na defesa do prazer como o fundamento natural da conduta humana, ainda que as duas concepções difiram substancialmente. O interesse do filósofo do Jardim em especificar as condições que estabelecem uma vida livre de perturbação pode, além disso, ter sido despertado por Demócrito, para quem o bem supremo reside na «boa disposição» (*euthumia*), estado sinónimo de bem-estar, em que a alma, não perturbada por nenhum medo nem por nenhuma outra afecção, vive na calma e no equilíbrio.^a

A análise epicurista do prazer baseia-se na assunção de que a condição natural dos seres vivos é o bem-estar físico e mental e que esta condição gera, só por si, satisfação. Não é, porém, arbitrário o uso que Epicuro faz do termo «prazer» para descrever o estado daquele que goza de boa saúde física e mental: em termos físicos, este estado é concomitante do movimento apropriado dos átomos e da sua correcta localização no interior do corpo, sendo a dor entendida como uma perturbação desta condição natural.^b

A ideia da dor como uma «perturbação» da condição natural encontra-se já no *Filebo* de Platão, juntamente com a noção de que o prazer é sentido quando o estado natural é reposto.^c Epicuro não desconhece, como Platão, que o processo de remoção da dor produz sensações agradáveis, designadas como «prazeres em movimento», ou *cinéticos*. Admite, porém, outra espécie de prazer para lá destes e de natureza superior. Imaginemos que alguém tem fome: deseja comer e o acto de satisfazer este desejo produz um prazer em movimento. Ao conseguir satisfazer o desejo de comida acalma simultaneamente a dor da fome. Da satisfação completa deste desejo nasce outro prazer

(a) Cf. D.L., IX, 45.

(b) Cf. Lucr. II, 963-968.

(c) *Filebo*, 31 e 32 b.

que já não é sentido como processo, mas como prazer «em repouso», ou *catastemático*. Resumido em várias sentenças epicuristas, este estado caracteriza-se pela completa ausência de dor, logo, de perturbação, e pela satisfação resultante desta condição: «A voz da carne: não ter fome, não ter sede, não ter frio. Quem possui estas coisas e a esperança de as vir a ter no futuro pode rivalizar [com Zeus] em felicidade.»^a Ou ainda, na frase do epicurista Torcato, em *De Finibus* de Cícero: «Todos os que estão isentos de dor estão num estado de prazer e no mais completo prazer.»^b

Epicuro não nega que o beber, o comer boa comida, o sexo, etc., sejam fontes de prazer. No entanto, afirma que as sensações agradáveis que estas actividades produzem devem ser rejeitadas como fins, uma vez que não dão lugar a uma disposição calma e estável do corpo e da mente.^c O valor das acções mede-se, por conseguinte, pelo seu grau de afastamento da dor. A dor maior não é, contudo, a dor física, mas a dor moral originada pelas falsas opiniões acerca da verdadeira natureza das coisas e é nisto que a filosofia é chamada a desempenhar o seu papel terapêutico fundamental.

Eis, resumidamente, o retrato do homem de saúde delicada e de coração nobre que os seus inimigos representam como um libertino, mas que pregava, ao invés, nos seguintes termos a moral do prazer: «Quando dizemos que o prazer é o fim não nos referimos aos prazeres dos dissolutos nem aos prazeres da sensualidade, como crêem alguns por ignorância, por desacordo ou por interpretação errada da nossa doutrina, mas sim ao facto de não sentirmos dor alguma no corpo, nem qualquer perturbação na alma. Pois não são as bebidas e os banquetes contínuos, nem o gozo obtido com rapazes e mulheres, nem o

(a) *Sentenças Vaticanas*, 33.

(b) *De Finibus*, II, 17.

(c) Cf. *Carta a Meneceu*, 129: «É justamente porque este é o bem primeiro e natural que não escolhemos qualquer prazer, antes, por vezes, desprezamos muitos, sempre que deles resulta um desprazer maior para nós.»

peixe e todos os outros manjares de uma mesa sumptuosa que geram uma vida feliz, mas o raciocínio sóbrio que procura conhecer os motivos de cada escolha e de cada rejeição, expulsando, desta forma, todas aquelas opiniões que são fonte de grande desassossego para as almas.»^a

Sabe-se como ele foi venerado pelos seus primeiros discípulos e conhecemos os belos versos em que Lucrecio, dois séculos após a sua morte, presta homenagem ao seu génio: «Foi um deus, sim, um deus, aquele que, pela primeira vez, ensinou aos homens esta regra de vida a que chamamos hoje sabedoria e que, pela sua arte, soube arrancar a nossa existência a tempestades e a trevas tão profundas para a colocar numa estância tão serena e tão luminosa.»^b

A serenidade da alma e a luz da razão: dois traços inseparáveis cuja íntima ligação faz a originalidade do epicurismo. A primeira não pode alcançar-se a não ser pela teoria geral do Universo que é o atomismo e que, só ele, elimina toda a causa de temor e de perturbação.

(a) *Carta a Meneceu*, 132.

(b) *Lucr.* V, 7.